



Prevenção

Taxa de mortalidade por câncer de mama aumenta 86,2% em 22 anos

— As mulheres com mais de 65 anos são principais afetadas no Brasil; envelhecimento populacional, hábitos de vida e diagnóstico tardio da doença explicam o cenário

VICTÓRIA RIBEIRO

A taxa de mortalidade por câncer de mama aumentou 86,2% em 22 anos no Brasil. É o que aponta levantamento da Umane, associação civil dedicada ao apoio às iniciativas de saúde pública. Segundo os dados, coletados a partir do Sistema de Informações da Mortalidade (SIM/SUS), essa taxa subiu de 9,4 por 100 mil habitantes em 2000 para 17,5 em 2022.

Além disso, a pesquisa evidencia que o aumento da taxa de mortalidade em decorrência da doença ocorreu em todas as faixas etárias acima de 35 anos, com destaque para as mulheres com mais de 65 anos, que representaram

Preocupação crescente Mortalidade em decorrência da doença avança em todas as faixas etárias acima de 35 anos

179% dos registros. Em seguida, observa-se um aumento de 140% entre mulheres com idades entre 55 e 64 anos, seguido por 81% na faixa etária de 45 a 54 anos e 72% entre aquelas com idades entre 35 e 44 anos.

UMA SÉRIE DE QUESTÕES. Na opinião de Maira Caleffi, chefe do Núcleo Mama do Hospital Moínhos de Vento, em Porto Alegre (RS), e presidente voluntária da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama (Femama), esses números não podem ser atribuídos a um único fator, mas, sim, a uma série de elementos interligados. Entre esses estão as mudanças na pirâmide etária — o Brasil passa por um enve-

lhecimento populacional acelerado — e a disparada na incidência de obesidade.

De acordo com dados do Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o percentual de pessoas com 65 anos ou mais no País chegou a 10,9% da população — uma alta recorde de 57,4% frente aos números de 2010, quando os idosos representavam 7,4% do total. Segundo afirma Maira, o envelhecimento está intrinsecamente ligado ao aumento no diagnóstico de câncer, já que, com o passar dos anos, as células ficam mais suscetíveis a sofrer mutações.

No caso da obesidade, problema que acomete 1 bilhão de pessoas no mundo de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), Maira diz que a tese mais aceita por especialistas para considerar o problema como fator de risco para o câncer — e não apenas o de mama — é de que o tecido adiposo aumenta a secreção de substâncias inflamatórias. Essas estimulam a multiplicação de células — incluindo as cancerígenas.

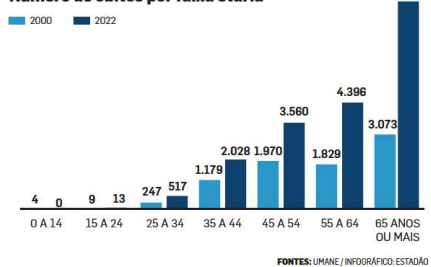
“Com o consumo cada vez maior de alimentos industrializados e ultraprocessados, os índices de obesidade aumentam e, consequentemente, os de câncer também”, afirma Maira. “O problema disso é que o excesso de peso não apenas contribui com o desenvolvimento da doença, como também é fator de risco para desfechos ruins.”

GUARDIÕES DO DNA. O médico Luis Eduardo Werneck, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia (SBC), ressalta que todos nós estamos suscetíveis a desenvolver células cancerígenas, mas o organismo possui elementos considerados “guardiões do

RISCO EM ALTA

Taxa subiu de 9,4 por 100 mil habitantes para 17,5 por 100 mil

Número de óbitos por faixa etária



Determinantes sociais

● Por nível escolar

Ainda de acordo com o estudo da Umane, a maior parte das mortes em decorrência do câncer de mama aconteceu entre mulheres com menor nível de escolaridade, especificamente aquelas com até 7 anos de estudo. Foram registradas 8,311 mortes nesse grupo, o que representa um aumento de 189% em comparação com as mulheres que possuíam 12 anos ou mais de educação formal, totalizando 2.879 óbitos.

● Onde elas morrem

Entre as vítimas estão aquelas residentes em áreas remotas, enfrentando obstáculos no acesso aos serviços de saúde e à realização de exames de

rastreio. “E quando o diagnóstico acontece, muitas vezes enfrentam uma lacuna considerável entre os tratamentos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e os das operadoras de saúde”, ressalta Fabiana Makdissi.

● Serviços disponíveis

Além disso, os serviços também podem variar consideravelmente entre os diferentes Estados. “Essa discrepância vem diminuindo, mas, por conta dos custos das novas tecnologias, naturalmente há muitas diferenças entre os tipos de serviços ofertados”, afirma Luis Werneck. “Em estágios iniciais do câncer, como 1 e 2, elas são menos perceptíveis. No entanto, em estágios mais avançados, como 3 e 4, elas ficam mais evidentes”, completou.

DNA”, que normalmente eliminam essas células doentes. Acontece que esse sistema de segurança pode falhar — tanto por predisposição genética co-

mo por interferência de aspectos ambientais, como má alimentação, sedentarismo, tabagismo ou consumo excessivo de álcool.

“Nas últimas décadas, essa interação (com fatores ambientais) tornou-se ainda mais desfavorável, o que pode estar relacionado com o aumento da mortalidade pela doença”, explica o especialista.

DIAGNÓSTICO PRECOCE. Apesar dos números alarmantes, a mastologista Fabiana Makdissi, líder do Centro de Referência dos Tumores de Mama do A.C. Camargo Cancer Center, em São Paulo, afirma que o câncer de mama é 100% curável desde que detectado precocemente. Essa informação, por si só, carrega a principal hipótese relacionada ao avanço da mortalidade em 22 anos: a doença tem sido diagnosticada em estágio avançado.

De acordo com a especialista, as sociedades médicas têm se articulado para delimitar que o início da mamografia, reconhecida como o melhor método para diagnosticar o câncer de mama precocemente, seja a partir dos 40 anos, enquanto o Instituto Nacional de Câncer (Inca) e o Ministério da Saúde recomendam a partir dos 50 anos.

INVESTIMENTO ERRADO. Com base em sua trajetória profissional, a presidente da Femama, Maira Caleffi, afirma que muitas mulheres enfrentam o câncer de mama por anos sem nem suspeitarem, descobrindo apenas quando procuram atendimento de emergência.

“É comum vermos casos em que a doença já está em estágio avançado, com cinco anos ou mais, quando é finalmente diagnosticada”, afirmou ela. “Essas mulheres chegam com sangramento, tumores grandes, indicativos de uma condição já avançada. Isso significa que o investimento está acontecendo na fase errada”, conclui. ●

Para especialistas, rastreamento é a ação principal

Os especialistas ressaltam que há diversas formas de prevenção do câncer de mama, como manter hábitos alimentares saudáveis, praticar exercícios regularmente, largar o cigarro e moderar no álcool. No entan-

to, o rastreamento é a estratégia fundamental. E, para isso, ainda não existe nada que substitua a mamografia, mesmo que, em alguns casos, o ultrassom e a ressonância magnética também sejam necessários.

Os exames podem ser iniciados mais cedo, sobretudo se houver histórico de câncer de mama na família, seja em mulheres ou homens, ou de tumor bilateral. Nesses casos, a recomendação é considerar

exames de rastreamento antes mesmo dos 40 anos, uma prática que pode ser essencial para identificar precocemente possíveis casos da doença.

Os especialistas ressaltam a importância do acompanhamento médico e da complementação da mamografia com exames clínicos, especialmen-

te em mulheres mais jovens. “A mama mais jovem costuma ser mais densa, o que acaba dificultando a visualização de nódulos”, explica Maira Caleffi. Com relação ao autoexame, a especialista diz ser importante, mas ressalta que, sozinho, pode trazer falsa tranquilidade e impedir o diagnóstico. ●